

A INTRODUÇÃO DE ESPÉCIES VEGETAIS NO VALE DO ITAJAÍ-AÇU (SANTA CATARINA) NO SÉCULO XIX

The introduction of plant species in the Itajaí-Açu valley (Santa Catarina) in the 19th century

La introducción de especies vegetales en el valle de Itajaí-Açu (Santa Catarina) en el siglo XIX

Gilberto Friedenreich Santos
Universidade Regional de Blumenau – FURB
frieden@furb.br

Martin Stabel Garrote
Universidade Regional de Blumenau – FURB
martin_stabelgarrote@yahoo.com.br

Resumo

O Vale do Itajaí até meados do século XIX, e talvez início do século XX, apresentava um caráter natural selvagem que fascinava os colonos imigrantes e viajantes europeus. O vale divide-se em duas sub-bacias hidrográficas: Itajaí-açu (13.327 km²) e Itajaí-mirim (1.673 km²). A confluência de ambos os cursos de água ocorre a 8 km da foz do mar, que recebe neste trecho a denominação de Rio Itajaí. Será objeto de estudo o Vale do Itajaí-açu (recorte espacial) cujo processo de colonização europeia intensifica-se com a fundação da Colônia Blumenau no ano de 1850. Os viajantes em suas passagens pelo Brasil, e particularmente no Vale do Itajaí, registraram as observações e investigações aqui realizadas hoje disponíveis em publicações em forma de livros, relatórios e artigos em periódicos. O objetivo foi identificar na literatura sobre os viajantes a introdução e uso de espécies vegetais no Vale do Itajaí-açu no século XIX. A produção bibliográfica sobre os relatos dos viajantes no Vale do Itajaí são inexpressivas, mas é uma das mais importantes fontes de informações históricas para os estudos da Geografia e História Ambiental, pois registram no passado o uso do solo com espécies vegetais introduzidas pela colonização.

Palavras-chave: Viajantes, Espécies Vegetais, Vale do Itajaí.

Abstrat

The Itajaí Valley until the mid-19th century, and perhaps the beginning of the 20th century, had a wild natural character that fascinated immigrant settlers and European travelers. The valley is divided into two hydrographic sub-basins: Itajaí-açu (13.327 km²) e Itajaí-mirim (1.673 km²). The confluence of both rivers occurs 8 km from the mouth of the sea. In this stretch the name is Itajaí River. The Itajaí-açu Valley will be studied, whose European colonization process intensified with the founding of the Blumenau Colony in 1850. Travelers in their travels through Brazil, and particularly in the Itajaí Valley, recorded the observations and investigations carried out here today available in

publications in the form of books, reports, and articles in periodicals. The objective was to identify in the literature on travelers the introduction and uses of plant species in the Itajaí-açu Valley in the 19th century. The bibliographic production on the accounts of travelers in the Itajaí Valley is inexpressive; on the other hand, is one of the most important sources of historical information for the studies of Geography and Environmental History, as they record in the past the use of land with plant species introduced by colonization.

Keyword: Travelers, Plant Species, Itajaí-açu Valley.

Resumen

El Valle de Itajaí hasta mediados del siglo XIX, y quizás principios del XX, tuvo un carácter salvaje y natural que fascinó a los colonos inmigrantes y viajeros europeos. El valle se divide en dos subcuencas hidrográficas: Itajaí-açu (13.327 km²) e Itajaí-mirim (1.673 km²). La confluencia de ambos arroyos se produce a 8 km de la desembocadura del mar, que recibe el nombre de Río Itajaí en este tramo. Se estudiará el Valle de Itajaí-açu (perfil espacial), cuyo proceso de colonización europea se intensificó con la fundación de la Colonia Blumenau en 1850. Los viajeros en sus viajes por Brasil, y particularmente en el Valle de Itajaí, registraron observaciones y investigaciones realizadas y aquí hoy están disponibles en publicaciones en forma de libros, informes y artículos en revistas. El objetivo fue identificar en la literatura sobre viajeros la introducción y uso de especies vegetales en el Valle de Itajaí-açu en el siglo XIX. La producción bibliográfica sobre los relatos de los viajeros en el Valle de Itajaí es inexpressiva, pero es una de las fuentes de información histórica más importantes para los estudios de Geografía e Historia Ambiental, ya que registran en el pasado el uso de la tierra con especies vegetales introducidas por colonización.

Palabra clave: Viajeros, Especies de plantas, Valle do Itajaí

Introdução

O Brasil tem a flora mais diversificada do mundo, destacando-se a Mata Atlântica. O bioma Mata Atlântica compreende um conjunto de formações florestais e ecossistemas associados que incluem a Floresta Ombrófila Densa, a Floresta Ombrófila Mista, a Floresta Ombrófila Aberta, a Floresta Estacional Semidecidual, a Floresta Estacional Decidual, os manguezais, as restingas, os campos de altitude, os brejos interiorizados e os enclaves florestais do Nordeste (SCHÄFFER, PROCHNOW, 2002). A Mata Atlântica é a floresta que exhibe a maior diversidade de vegetais do planeta. Acredita-se que abrigue mais de 25 mil espécies de plantas, muitas delas existentes apenas nesse ecossistema. Se considerarmos o número total de espécies animais e vegetais que a habitam, chegaremos aproximadamente a 200 mil (NEIMAN, 1989).

Na época do “descobrimento” do Brasil, a Mata Atlântica estendia-se do cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, até as serras do Herval e de Tapes, no Rio Grande do

Sul, ocupando uma área total de 350.000 km² (NEIMAN, 1989). A destruição e utilização irracional da Mata Atlântica começaram em 1500 com a chegada dos europeus. Nesses 500 anos a relação dos colonizadores e seus sucessores, com a floresta e seus recursos foi a mais predatória possível (SCHÄFFER, PROCHNOW, 2002).

No processo de colonização a imigração europeia introduziu inúmeras espécies de plantas que possibilitaram a sua fixação e desenvolvimento em meio à floresta. A colonização do território brasileiro pelos portugueses é marcada desde o início pela introdução de plantas e animais no Brasil Colônia, já aclimatadas com as condições ambientais de Portugal e de suas ilhas no Oceano Atlântico. Ainda conforme Dean (1991), as espécies introduzidas para plantio, ampliaram as possibilidades de alimentação da população, e relevam a questão das mudanças e simplificações provocadas nos ecossistemas naturais. O sucesso dos europeus no desenvolvimento de suas colônias está associado à rapidez e facilidade de reprodução de plantas e animais em ecossistemas distintos de sua origem. Mesmo que as Neo-Europas se localizam principalmente nas zonas temperadas, como a região mais meridional do Brasil, as biotas são diferentes (CROSBY, 1993). A domesticação e introdução de plantas não são simples, em que estão presentes questões ambientais e socioculturais. A cultural está relacionada aos usos de uma espécie, pois tem diferentes funções na sociedade (MORETTO, 2017).

Com a abertura dos portos brasileiros por decreto de D. João VI em 1808, o país passou a receber inúmeros viajantes estrangeiros, curiosos com os aspectos naturais e humanos de uma terra vista como exótica, estranha e cheia de possibilidades. O Vale do Itajaí não é exceção dessa lógica processual de “desbravamento” de ocupação e colonização iniciada significativamente no século XIX. A colonização representa uma dominação (MURARO, 2016), pois “A cultura europeia, para a natureza, foi aos poucos criando a concepção de que os humanos, além de domesticar, deveriam aperfeiçoar a natureza, criar áreas cultiváveis e prados sem mata.” (WINTER, 2017, p. 131). Um dos principais interesses para a colonização da região sul do Brasil a partir de 1850 foi a possibilidade de privatizar e comercializar as terras florestais (SANTOS, 2011). No século XIX,

[...] o sul do país era visto como um espaço de florestas, de animais e de pequenas populações dispersas em vilarejos precários. Florestas e animais eram tidos como indicadores de falta de progresso, de civilização e de homens vocacionados para empreendimentos e para o trabalho moderno (CAROLA, 2012, p. 20).

O Vale do Itajaí, mesmo com uma ocupação anterior em 1850, torna-se mais efetiva a partir deste ano com o estabelecimento da Colônia Blumenau, que foi palco de diferentes modelos de desenvolvimento. Entende-se que, a partir deste período, o vale insere-se num contexto histórico em que a colonização europeia promove uma significativa redução do bioma Mata Atlântica, substituindo-a, entre as quais, por espécies de plantas que possibilitaram o sucesso da colonização. O Vale do Itajaí até meados do século XIX, e talvez início do século XX, apresentava um caráter natural selvagem que fascinava os colonos imigrantes e viajantes europeus. A biodiversidade brasileira foi, e ainda constitui um fator de atração e de interesse para viajantes para desbravamento, conhecimento e de registro a serem levados para a Europa. Alguns destes viajantes partiram em direção ao sul, ao Vale do Itajaí, e realizaram diversas observações, por meio de diários e cartas, descrevendo a paisagem e as condições em que se encontrava esta região.

Os viajantes eram cientistas, pesquisadores e técnicos de diversas formações, que não se limitavam na coleta de informações em suas áreas específicas. O objetivo era fornecer informações das características humanas e naturais, a serviço de empresas privadas ou do governo. Enquanto que a natureza representava um encantamento para os viajantes, nos homens da sociedade gerava um sentimento de desencanto (PAULI, 2007). Os registros dos viajantes em diferentes períodos do passado revelam as diferenças étnicas e naturais entre dois mundos, da relação dos europeus com os povos dos trópicos. Toda a literatura produzida é uma fonte de informações sobre o passado. Os relatos dos viajantes constituem uma fonte extremamente importante para compreendermos a história do Brasil e a regional. São fontes históricas que relatam a vida cotidiana da sociedade e descrevem a paisagem natural e humana.

Na colonização do Vale do Itajaí, as primeiras lavouras iniciaram um processo de introdução de várias espécies, sendo que cultivares eram trazidos da região de origem dos imigrantes. A partir da segunda metade do século XIX começa uma efetiva ocupação do interior do Vale do Itajaí, cuja dinâmica migratória representa uma significativa alteração da paisagem natural da Mata Atlântica ao “construírem” outra paisagem de acordo com o processo civilizatório europeu. O conhecimento da introdução e uso de espécies vegetais associadas a práticas culturais e comerciais são importantes do ponto de vista da Geografia e História Ambiental, sendo que as comunidades regionais desenvolveram-se a partir do cultivo de espécies trazidas com os colonizadores.

O objetivo foi identificar nos registros dos viajantes a introdução de espécies vegetais no Vale do Itajaí-açu no século XIX. A produção bibliográfica sobre os relatos dos viajantes no Vale do Itajaí são inexpressivas, e as poucas existentes direcionam-se para os aspectos culturais, sociais e econômicos da sociedade humana. É neste contexto que se justifica a realização desta pesquisa, a de uma investigação histórica dos registros e relatos dos viajantes como uma importante e rica fonte de informações sobre as características humanas e naturais construídas a partir de suas vivências e experiências no Vale do Itajaí. Esse acervo pouco explorado pela historiografia, e de crescente interesse à disposição da História Ambiental, proporciona pesquisas e conhecimentos interessantes sob os aspectos da nossa história. Os relatos dos viajantes constituem uma fonte potencial de investigação, que podem trazer novas aproximações com a história nacional e regional através de informações relevantes sobre o modo de vida da população e da paisagem.

Metodologia

De acordo com Oliveira (2007), o conhecimento do processo histórico de transformação da paisagem no Brasil vem sendo ampliado pelas investigações de vários pesquisadores. A História Ambiental permite uma visualização de muitos dos processos históricos que produziram as atuais paisagens, e que são ainda correntes, ou seja, a História Ambiental não é uma disciplina voltada apenas para o passado, como também para o tempo presente, que está em constante transformação.

A interação da sociedade com a natureza produz um rico acervo de conhecimentos sobre a sua exploração e domesticação, que envolve tecnologia. Os diversos elementos naturais constituem uma fonte de recursos, e a compreensão dessa interação constitui um processo histórico. De fato, na (trans)formação da paisagem as técnicas são parte do espaço e do tempo. No século XIX diversos viajantes percorreram o Vale do Itajaí. Os seus relatos constituem uma fonte de informações históricas e “uma das mais importantes para os estudos geográficos, uma vez que esses relatos são geralmente ricos em descrições da cultura, do meio físico e da paisagem, conhecidos e percorridos pelos viajantes” (ROCHA, 2005, p. 142). De acordo com o autor, a História é um campo de pesquisa científica relevante inclusive para conhecer a evolução das técnicas envolvidas.

A pesquisa realizada foi de caráter histórico descritiva, com fontes documentais e bibliográficas, utilizando como base materiais disponíveis em arquivos históricos e

bibliotecas da região. Procurou-se levantar material relativo aos viajantes que estiveram no Vale do Itajaí-açu durante o século XIX, e que deixaram registros sobre a observação da introdução de espécies vegetais em diários, cartas, publicações, assim como estudos historiográficos sobre este tema já realizados. Com isso pode-se compreender o desenvolvimento da agricultura, e a introdução de culturas vegetais cronologicamente.

O recorte espacial da pesquisa compreende o Vale do Itajaí, um espaço geográfico delimitado naturalmente com 15.000 km². O vale divide-se em duas sub bacias hidrográficas: Itajaí-açu (13.327 km²) e Itajaí-mirim (1.673 km²). A confluência de ambos os cursos de água ocorre a 8 km da foz do mar, nos municípios de Itajaí e Navegantes, que recebe neste trecho a denominação de Rio Itajaí. Será objeto de estudo o Rio Itajaí-açu (recorte espacial) cujo processo de colonização europeia intensifica-se com a fundação da Colônia Blumenau no ano de 1850.

O recorte temporal é a segunda metade do século XIX, início dos principais relatos das mudanças do mundo natural, a introdução de espécies vegetais, e descrições da paisagem do Vale do Itajaí-açu. O recorte temporal justifica-se pelo fato de compreender o início de uma colonização europeia efetiva do interior do Vale do Itajaí, e a passagem de inúmeros viajantes e cientistas que publicaram obras relatando e descrevendo a paisagem da região. A sequência dos autores (viajantes e naturalistas) obedece ao ano da passagem no Vale do Itajaí-açu:

- 1) Charles van LEDE em 1842 (1959, 1967);
- 2) Robert AVÉ-LALLEMENT no ano de 1858 (1953);
- 3) C. Rivierey, engenheiro, em 1859 e 1860 (1994);
- 4) Johann Jakob von TSCHUDI em 1861 (1988);
- 5) Szendrői Geöcze István Gyula Ignác VINCE em 1864 (2019);
- 6) Hugo ZOELLER em meados de 1882 (1990);
- 7) Gustav STUTZER em 1885 (2019);
- 8) Robert GERNHARD em meados de 1889 (1998);
- 9) Franz Eduard GIESEBRECHT em 1898 (2019);
- 10) Wilhelm LACMANN em 1905 (1997).

Como importante fonte de pesquisa, a revista Blumenau em Cadernos, impressa desde a década de 1950, apresenta em seus diversos volumes uma grande diversidade e

variedade de artigos, tradução de documentos originais e relatórios (SANTOS, 2004). Em 2019 são publicados dois tomos da *Colônia Blumenau no sul do Brasil* com diversos documentos históricos (relatos de viajantes e naturalistas, biografias, cartas) que englobam aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais. Trata-se de outra importante fonte de pesquisa para a História Ambiental da Colônia Blumenau no século XIX e início do século XX.

A análise destes documentos se encontra ligada à História Ambiental, um campo da Historiografia que surgiu nas últimas décadas do século XX, e que procura compreender as relações do passado com o presente, entre sociedade e natureza, entre historiadores e meio ambiente. É também muito recente, fruto da segunda metade do século XX, a ideia de que o meio ambiente pode ser utilizado como um documento para o estudo da História, mesmo que em diversos trabalhos antes da área desenvolver, o meio ambiente já era considerado nos estudos de Sérgio Buarque, Caio Prado Júnior, entre outros.

Resultados

Em torno de 1658, João Dias de Arzão recebe concessão de terras no Vale do Itajaí, sesmaria localizada na foz do Rio Itajaí, e provavelmente foi “o primeiro civilizado que ocupou terras e construiu moradas à foz do Itajaí.” (SILVA, 1967, p. 157). A intenção de se fixar na região fora explorar ouro dada às fabulosas histórias de minas e rios ricos do valioso metal, mas logo se retirou por não fazer fortuna (d’ÁVILA, 1982).

Grupos indígenas nômades já habitavam o território do vale antes da chegada dos europeus. No verão deslocavam-se do planalto ao litoral e plantavam milho (SILVA, 1972). No final do século XVIII e início do século XIX, sesmeiros localizados às margens da foz do Rio Itajaí-açu e baixo curso do Itajaí-mirim que exploravam as suas concessões desenvolveram plantações e comércio de madeiras serradas (SILVA, 1967). Especificamente, o povoamento e cultivo iniciaram em 1750, na margem esquerda, próximo à foz do Rio Itajaí-açu (SILVA, 1972). Plantavam “mandioca, aipim, milho, feijão, cana, batata-doce e arroz; além do algodoeiro, pois com o algodão se fiavam em casa os panos para a vestimenta diária.” (d’ÁVILA, 1982, p. 18).

Moreira (2002, p. 80) no estudo da gênese social e econômica do Porto de Itajaí na foz do Rio Itajaí, aponta que em meados de 1820 construiu-se “uma sumaca que,

‘decorridos apenas doze meses’, partia para o Rio de Janeiro com um carregamento de milho e feijão, transportando, também, a primeira carga de tabuado oriunda das terras do Itajaí.”

A descrição da paisagem por Lede em 1842 (1959) revela que a cobertura florestal ainda era proeminente com alguns cultivos, como na sua partida de Itajaí ao descrever “Tôda redondeza coberta de matas.” (LEDE, 1967, p. 182). Durante o percurso registra com frequência a presença da vegetação virgem. A montante da localidade de “Possinho” (Pocinho, município de Ilhota) acusa o cultivo de “12.000 pés de café, arroz, cana de açúcar.”, e em “Posso Grande. Algumas raras derrubadas.” (LEDE, 1967, p. 183).

O viajante vislumbra sobre o potencial desenvolvimento da região com o seu cultivo e domínio da densa floresta:

[...] na distância, projeta-se sôbre o escuro carregado da mata virgem a cor alegre dos morros desmatados da propriedade de Flôres, de que alguns trechos estavam recobertos de belas plantações de cafeeiros, entremeadas de laranjeiras. Êsse desmatamento permite-nos julgar o que virá a ser esta bela província uma vez cultivada, e a eterna floresta haja desaparecido em parte para dar lugar a sítios tão pitorescos como aquelê que tínhamos diante de nós (LEDE, 1959, p. 44).

Em Gaspar, cita a presença de uma colônia alemã, e de sítio com “Plantações de arroz, milho, cana-de-açúcar e mandioca.” (LEDE, 1967, p.183). A colônia alemã foi fundada em 1827 por algumas famílias por ordem de D. Pedro I (TSCHUDI, 1988). Os documentos históricos e as observações de Charles Van Lede revelam que a Mata Atlântica ainda não sofreu mudanças significativas até a metade do século XIX, sendo, talvez, mais expressivas no baixo vale do Itajaí-mirim com o comércio de madeiras. Para fins de subsistência e atividade comercial destacam-se espécies introduzidas para o cultivo agrícola, como café, arroz, milho, cana-de-açúcar e laranja; e a exploração madeireira da Mata Atlântica.

A história da colonização do Vale do Itajaí e seu desenvolvimento estão intimamente associados ao seu rio e do Porto de Itajaí. Até a metade do século XIX o povoamento concentrava-se nas proximidades da foz do rio. Um dos recursos naturais fundamentais para o desenvolvimento do Vale do Itajaí foi a exploração madeireira, favorecida com uma diversidade rica em espécies de flora e de madeiras de lei. Até a primeira metade do século XIX, as espécies de plantas praticamente citadas são para fins de alimentação humana e animal, e comércio.

Fritz Müller, cientista reconhecido internacionalmente, como funcionário da província de Santa Catarina fora encarregado de “indicar os lugares em que se pode introduzir e cultivar novas espécies vegetais.”, e aclimatá-las (SALOMON, 2002, p. 139). O Dr. Blumenau contribuiu para a disseminação de sementes e de mudas de espécies de outros locais no Vale do Itajaí. A colonização europeia reproduz esse processo, com as suas devidas particularidades, no Vale do Itajaí.

Gaertner em 1855 (1960) aponta como produtos de exportação de origem agrícola o açúcar, aguardente, feijão e um pouco de farinha de mandioca. Descreve o uso do solo e organizações das propriedades rurais nas margens do rio Itajaí, primórdios da Colônia Blumenau.

Um aspecto maravilhoso apresenta o Itajaí, desde o início do estabelecimento dos alemães. Suas barrancas cobrem-se de plantações de inhame e bananeiras; mais ao alto se encontram as casas, simples mas espaçosas, com os galpões dos engenhos, cercados de árvores frutíferas em flor, ou em plena produção, com laranjeiras, pessegueiros, mamoeiros etc. Muitas vezes, os caminhos que conduzem ao jardim passam sob carramanchões de parreiras. Cafezais, canaviais e plantações de milho e batatas intercalam-se nas pastagens onde vacas, bois e cavalos respigam a grama tenra, sem guardas, nem pastores (GAERTNER, 1960, p. 184-185).

Da mesma forma que Lede, Gaertner (1960, p. 185) também vislumbra sobre o potencial do desenvolvimento agrícola da região, ao comparar o uso do solo com a presença ainda dominante da mata virgem na paisagem.

Tudo isso, porém, casas, plantações e pastos nada mais são que simples moldura para o rio, de largura, talvez, menor que a dêste, pois o mais, até onde a vista alcança, é mata fechada, virgem, que no seu silêncio magestoso, impressionante, acena para que mãos operosas e eficientes a venham transformar em exuberantes searas.

A partir do planalto, Avé-lallement em 1858 atinge o Alto Vale do Itajaí-açu, nascentes do Rio Itajaí do Sul. Na região conhece a colônia militar de Santa Teresa (município de Alfredo Wagner) criada em 1858, sem existir ainda comunicação direta entre o baixo e o alto vale. Destaca a fertilidade do solo, e “no meio do caos de árvores abatidas e meio carbonizadas, vicejam o feijão, o milho, as batatas e as abóboras.” (AVÉ-LALLEMANT, 1953, p. 108).

No baixo vale do rio Itajaí-açu, entre a desembocadura do Rio Itajaí-mirim e a colônia belga (fundada em 1844 por Lede, atual município de Ilhota), o autor destaca a presença da vegetação. À medida que Avé-lallemant percorria rio acima com a proximidade da colônia belga, destaca a maior presença da cultura nas margens fluviais,

como as bananeiras e canas de açúcar. Este cultivo no Vale do Itajaí é mencionado com frequência pelo autor, utilizada para fazer açúcar e caldo. Aponta semelhanças nas colônias do sul do Brasil no processo de uso do solo:

Tal qual como no Rio Grande e em suas colônias, aqui se enfileiram, lado a lado, os campos de batalha; o machado cortou fundo na floresta e o fogo comeu e consumiu largamente tudo o que não era à prova de fogo; mas os genuínos gigantes da selva são à prova de fogo: queimam-se os ramos e galhos, mas os troncos não se carbonizam, apenas se tostam e jazem no chão por decênios antes de ficarem carcomidos. E no meio dessa confusão ondeia a cana de açúcar e muitas pastagens foram conquistadas à mata virgem (AVÉ-LALLEMANT, 1953, p. 159).

Em 1859 e 1860, o engenheiro C. Riviere (BLUMENAU EM CADERNOS, 1994) levanta as características do Rio Itajaí-açu e Rio Itajaí-mirim. Em relação ao primeiro curso de água, baixo vale, apresenta a extensão das áreas cultivadas em ambas as margens. No levantamento, o engenheiro também aponta os principais proprietários, e a forma de uso agrícola do solo que ainda é pouco cultivado, e a presença de muita mata virgem.

Destas 70.000.000 braças quadradas, 50.000.000 pouco mais ou menos pertencem a cinco grandes proprietários: Blumenau, Flores, Van Lede, João Pedro e João Mafra. E como geralmente o terreno que se cultiva não passa de uma razoável faixa em frente das propriedades, com quarenta braças de fundo termo médio, e conservam ainda os cinco grandes proprietários muita mata virgem nas margens do rio, daí resultando que, desses 70.000.000 de braças quadradas, apenas 2.000.000 estão cultivadas (BLUMENAU EM CADERNOS, 1994, p. 53).

O engenheiro também constata o domínio de determinadas plantações no Rio Itajaí-açu, a cana (141 engenhos de açúcar) seguida pela mandioca (72 engenhos de farinha). Entre os cultivos, Tschudi em 1861 (1988, p. 51) destaca a facilidade no desenvolvimento da cana de açúcar no início da Colônia Blumenau.

[...], devido a isso, os colonos se têm dedicado a esta cultura com grande proveito. Dr. Blumenau conseguiu mudas das qualidades de cana importadas pelo Governo Imperial em anos anteriores, de Bourbon, que produzem melhores resultados do que as até então plantadas no Brasil. Já em 1861, distribuiu a seus colonos 5000 mudas.

Provavelmente trata-se da cana caiana. Esta cana é a melhor para tomá-la como caldo (garapa), sendo mais pobre em sacarose e a mais mole. Ao contrário das que contêm alto teor de sacarose, destinadas para a produção de açúcar. As primeiras mudas são provenientes de Cayenne, capital da Guiana Francesa, em 1810 no Rio de Janeiro (SOCCOL, SCHWAB, KATAOKA, 1990). Entretanto, como a cana “caiana” era de difícil benefício nos engenhos pela elevada quantidade de bagaço não foi bem aceita no

Brasil até o final do século XIX. Em torno de 1850 chega no Brasil a cana riscada ou batava proveniente de Java (DEAN, 1991).

Vince em 1864 (2019, p. 137) também destaca o cultivo da cana de açúcar por apresentar diversas facilidades e vantagens em relação aos outros cultivos na região, e os procedimentos do seu uso.

Cresce igualmente bem em terreno arenoso e argiloso; às vezes, podem ser plantadas duas vezes ao ano; não exige nenhum trato especial e pode ser produzida logo depois do desmatamento. Os troncos de árvore deixados no terreno não lhe impedem o crescimento, o que não é o caso de muitas outras plantas, que exigem limpeza total do solo.

É verdade que de uma só vez o açúcar rende menos que o café, mas em média dá até lucro maior, não sendo exposta a nenhum flagelo. Quando muito, os gafanhotos vem devastar-lhe as plantações em cada 6 ou 7 anos. Uma vez plantada, a cana de açúcar não pede nenhum outro cuidado qualquer. Colhidas 5 a 6 meses depois, as canas são juntadas em feixes de duas a duas *braças* e meia de comprimento, os quais são cortados em duas ou três partes para serem colocados na prensa. O caldo espremido é depois fervido em caldeiras até a completa evaporação da água, ficando o açúcar no fundo em forma de pó amarelo. No momento da fervura mais alta, retira-se a espuma para ser guardada em vasilha especial. Espessada, ela dá o mel de açúcar mais saboroso, em nada inferior, quando fresco, ao mel de abelha mais puro. Dos feixes já prensados, tira-se cachaça forte.

Artigo na Revista Blumenau em Cadernos (1966a, p. 66) distingue os períodos das espécies de cana-de-açúcar mais cultivadas na região. Aponta as dificuldades do cultivo da cana caiena (doenças, rendimento), sendo a mais comum até 1880. Posteriormente são introduzidas outras variedades, entre as quais a conhecida como cana-pau, sendo a mais comum graças à sua aclimação, resistência e rendimento.

Parece que, anteriormente a 1880, a variedade mais usada era a chamada "Cana Cayenne", ou caiana, como era conhecida. Mas essa variedade era muito sujeita a doenças e o seu rendimento deixava muito a desejar.

A atual variedade mais usada é a chamada "cana-pau" e esta foi aqui introduzida pelo Dr. Blumenau, como se pode verificar de uma comunicação feita em 1881 em reunião da "Cultur-Verein". Essa comunicação foi feita pelo agricultor Augusto Blomeyer e diz o seguinte: "O sr. Bernardo Haendschen, de Poço Grande, recebeu no ano de 1881, assim como vários outros colonos, do Dr. Blumenau, cerca de 13 qualidades de cana que êle recebera do Jardim Botânico do Rio de Janeiro para distribuição. Infelizmente, as etiquetas que identificavam as mudas perderam-se, de sorte que quando mais tarde foram selecionadas as melhores qualidades para reprodução em maior escala, a que foi achada mais própria para o nosso solo e clima foi por um negro denominada de "Cana-pau", de vez que ignorava-se o seu verdadeiro nome e o científico. Desde então a cana-pau ganhou as preferências dos plantadores de Gaspar para baixo, pois, o seu rendimento e resistência às doenças é muito maior que as demais espécies.

Tschudi em 1861 aponta uma significativa alteração da vegetação primária nas margens do Rio Itajaí que "[...], em toda sua extensão, são habitadas com maior ou menor

densidade, só em poucos lugares ainda existem extensões contínuas de mata virgem.” Sobre o cultivo nas margens do baixo curso afirma que “Em alguns lugares, são plantados inhames nas barrancas (taiás) próximo ao rio, que com suas enormes folhas verde-cinzento, formam paredes suntuosas. Os seus tubérculos úteis, desse modo, plantados, alcançam um tamanho considerável.” (TSCHUDI, 1988, p. 46).

Vince (2019) publica em 1869 “Viagem ao Brasil e Retorno” com passagem no Vale do Itajaí ao chegar em 1864. Descreve a foz do rio com plantações em suas margens de laranjas, mamoeiros, cedros, café e cana-de-açúcar. Estes rodeados por mata virgem em toda parte com bambuzais, palmeiras e figueiras. A exportação em Itajaí consistia de “[...] açúcar, café, mandioca, tabaco, [...]” (VINCE, 2019, p. 134). Vince (2019, p. 136) descreve que na confluência do “rio Pequeno” (Itajaí-mirim) com o Itajaí “Surtem laranjais, limoeiros de frutas do tamanho de uma cabeça de criança, palmeirais, coqueirais e bananais, ricas plantações de algodão, café e cana e, no meio deles, esparsas casas de colonos [...]” Seguindo a picada até Blumenau, paralela ao rio, cita uso de estacas ou “de uma cerca viva de ananás bravo para se guardarem mais facilmente os animais domésticos; [...]”, e a presença rara de pastagens (VINCE, 2019, p. 136). As pastagens são mencionadas algumas vezes pelos autores, mas não identificam as espécies. Também cita a goiabeira, “cuja fruta, do tamanho de um pêssigo, amarela, mole e adocicada abunda nessas florestas.” (VINCE, p. 138). Na dispersão das sementes de goiaba, afirma que é o alimento preferido dos macacos, que arrancam mais frutas do que necessitam, por isso encontrada em grande quantidade no solo.

Entre as espécies de batata identifica a batata-doce e as raízes do aipim e da talha. Compara as duas as espécies e seu uso, considerando o aipim “a mais saborosa e como substituta do pão equivale à mandioca.” e para a preparação de doces. “Um espécime maior, chamado talha, tem as raízes bem mais duras e os pratos de que faz parte são de digestão mais difícil.” (VINCE, 2019, p.139).

Tschudi (1988, p. 51) compara a fertilidade dos solos. Em sua maior parte é de melhor qualidade “e, em média, mais frutífero do que nos melhores trechos de Da. Francisca.” Também considera que as plantações se desenvolvem melhor em “Blumenau com exceção dos tipos de abóbora, para os quais o solo é mais denso.” Zoeller atribui em meados de 1882 ainda vantagens humanas e outras naturais para o desenvolvimento da agricultura na Colônia Blumenau. É de opinião semelhante sobre os solos que “tem parcialmente terras mais férteis, uma população mais radicada e adaptada ao trabalho,

mais terra arável; um rio facilmente navegável, maior potencial de energia hidráulica e mais terra disponível abaixo da serra. Blumenau concentrou sua atenção desde o início à agricultura, [...]” (ZOELLER, 1990, p.146).

Dr. Blumenau introduziu na colônia o café com diversas qualidades, e abacaxis de Pernambuco no seu morro, tabaco, e tentativas do cultivo vinícola. O tratamento da videira deve ser de forma diferenciada da Alemanha, e são adequados para o clima do Brasil “poucos tipos de mudas: melhor se desenvolvem as norte-americanas.” (TSCHUDI, 1988, p. 52). Afirma que a cultura do algodão não é favorável devido à ausência de um período completamente seco. “Em 1864 havia na Colônia Blumenau 3.594.000 braças quadradas de terreno em cultivo.”, entre as quais se incluem a mandioca, feijão, araruta, e anil (TSCHUDI, 1988, p. 59). Cita o plantio de um pândano pelo Dr. Blumenau. Gernhard em meados de 1889 (1998) relata a presença de uma fábrica de extração de óleo de mamona, outro exemplo de planta exótica introduzida na Colônia Blumenau.

Em Blumenau, no parque botânico situado nos fundos do museu da família colonial encontra-se a *gyngko biloba* com mais de 100 anos de vida e considerado o mais antigo do Brasil. “E ali o mesmo Dr. Blumenau organizou um viveiro de mudas, tanto para a arborização das ruas que fôssem sendo abertas, como para distribuição entre os colonos.” (BLUMENAU EM CADERNOS, 1971, p. 54). O Dr. Blumenau encomendou diversas sementes e mudas do Brasil e de outros países. Ainda eram encontradas palmeiras do norte do Brasil, bambu da Ásia entre outras espécies. No viveiro foram aclimatadas diversas espécies de outros países, e espécies do Brasil como a jabuticaba, grumixama e gabiroba. Isto demonstra o grande interesse e empenho do fundador da colônia no cultivo de mudas frutíferas e de adorno.

É que, já em 1867, o viveiro que o Dr. Blumenau organizara e do qual o seu sobrinho Victor Gaertner tomava conta, possuía as seguintes mudas, conforme se verifica da relação que o último enviara ao Ministério da Agricultura: 12 espécies de damasco, do Versailles, de Syria, de Moorpark, de bauge etc.; 15 espécies de pêssegos, Grosse Mignone, de Malte, Chevreuse e outros; 18 espécies de ameixas, 5 das quais de Reine Claude, Monsieur, Mirabelle etc.; 4 espécies de amêndoas, doce, amarga, casca grossa e casca mole; 13 espécies de maçãs, Pepin, Gravenstein, reinette doré etc.; 10 espécies de peras, Beurré, Louise Bouche, William e outras; 7 espécies de cerejas, groitte de Portugal, Montmoremy, Bigarreau; 7 espécies de romãs, Legrelli, fruit, doux etc.; 37 espécies de uvas, como Berlington, Delaware, Diana, Riesling, Moscatel e outras; 8 espécies de laranjas, de que não se sabia os nomes; 10 espécies de ananás, como abacaxis, Jamaica, Caiena etc. Além de mudas dessas espécies, havia-as, ainda, de nozes, castanhas, abacate, fruta-de-conde, grumixama, jabuticaba, ata, araçás, pitanga, gabiroba, ameixa do Pará, jambo, nêspersas, figos etc. A relação apresentada por Victor Gaertner, concluía assim: Além das plantas na relação mencionadas, existem diversas espécies de árvores frutíferas,

cujos nomes não conheço e que foram trazidas de outras províncias do Império» (BLUMENAU EM CADERNOS, 1971, 54-55).

O Dr. Hermann Blumenau (2002, p. 29) cita experiências com diversas espécies comparando o seu desenvolvimento e qualidade na Alemanha, e as dificuldades de cultivá-las na Colônia Blumenau.

As experiências com os cereais alemães, como trigo, centeio, cevada e inclusive aveia, linha, luzerna e variedades de trevo, provaram que, em parte, também estes se desenvolvem de maneira excelente. Porém, enquanto o solo não for integralmente trabalhado pelo arado, este tipo de cultura é totalmente desaconselhável, pois o custo elevado é incomparável com o lucro. Desde que se tomasse algum cuidado contra as prejudiciais formigas, qualquer tipo de hortaliça e tempero verde de procedência alemã não era menos produtivo e saboroso, podendo, sem exceção, comparar-se aos melhores produtos alemães. De um modo geral, excediam a estes, como no caso raro dos rabanetes e nabos comestíveis do tamanho de repolhos, considerados um exagero. [...]. O tomilho e o coentro desenvolvem-se junto a plantas que gostam do calor, como o gengibre e a pimenta preta. Apesar de o cravo-da-índia e a canela serem impróprios para o mercado externo, suas folhas, flores, raízes, frutos e cascas fornecem um tempero barato e agradável para o alimento do imigrante.

Entre outras espécies não citadas pelos viajantes, o fundador da colônia menciona a diversidade dos pomares como nogueiras indianas, amoras e marmelos. Zoeller em meados de 1882 (1990, p. 144) reconhece os esforços do Dr. Blumenau para o desenvolvimento da agricultura com a introdução de novas plantas, mas, ao mesmo tempo, tece observações sobre a rápida proliferação de ervas daninhas.

Se bem que idênticas condições naturais e próximas uma da outra, Blumenau e Joinville apresentam uma considerável variação de vegetação, o que demonstra a grande influência do homem sobre a natureza. Em Blumenau, [...] cuidou muito mais da aclimatização de plantas de outra região. O Dr. Blumenau foi incansável neste sentido e fez esforços ilimitados para o aprimoramento da agricultura e a introdução de novas plantas.

Mas pecou também introduzido ervas daninhas que inicialmente, utilizadas talvez como planta ornamental num jardim e que agora já caracteriza e domina grandes áreas. Nos climas subtropicais tudo cresce; quando o homem veio uma migração de plantas o acompanhou e os pacíficos botânicos se tornaram Átilas. Mas também há um outro lado não menos interessante: animais e plantas trazidas da Europa para a América, Ásia e da Austrália, sofrem mutações e por vezes logo algumas se desenvolvem aqui de maneira tal, constituindo um campo ideal para estudos como ao Dr. F. Müller - Darwinista. Os resultados obtidos com plantas trazidas para Blumenau e Dona Francisca diferem em alguns pontos mas de uma maneira geral pode-se dizer que árvores florestais e frutíferas ainda não se aclimatizaram, mas legumes e verduras dão excelentes resultados.

Entre as espécies arbóreas introduzidas menciona que “somente vi alguns exemplares de Carvalho, Faia (Buche), Tília (Linde), Betuba (Birke) que não se adaptaram.” Das frutas cita que “A única fruta alemã que se aclimatizou completamente e

produz mais do que em qualquer parte da Europa, é o pêssego; morangos crescem bem; [...]” (ZOELLER, 1990, p. 144), e framboesas europeias.

Como frutas excelentes desta região, a banana (o ano todo), laranjas floração em agosto e colheita em abril até setembro), Mésperas bras. Wolnnesse, castanha do Pará e mangas. Entre os legumes europeus, ervilhas, feijão, aspargo, repolho e alface deram resultados melhores. Em Blumenau não há dificuldade com o cultivo da batata inglesa. As culturas aqui limitam-se ao café, cana de açúcar, fumo, algodão, mandioca, milho, inhame, etc. O colono alemão nunca optará pela monocultura, como é costume na Índia, [...]. Entre as plantas ornamentais quero mencionar as numerosas palmeiras (coco e tamareiras não vingam por aqui) na sua maioria introduzidas, entre as quais se salientam a palmeira Imperial (Maximiliana Régia) e a Palmeira Anã Européia e mais o Bambu gigante, curiosamente trazido de uma estufa da Bélgica. Aqui se desenvolveu uma variedade que dentro de alguns anos alcançam alturas gigantescas e cujo caule atinge um diâmetro de 12 1/2 cm. Existem agaves Kohtecn (cactus), maravilhosos Epheu (Hera), violetas (em agosto), camélias em julho, rosas (durante o ano todo), cravos, azaléias Stielmütterches etc (ZOELLER, 1990, p. 144-145).

No final do século XIX, Stutzer e Giesebrecht também se impressionaram com os esforços do Dr. Blumenau pela beleza dos jardins e arborização das ruas.

Os jardins fariam a alegria dos apreciadores de flores, pois tem de tudo o que na Alemanha somente se encontra em estufas tropicais. A ‘rainha da noite’ cresce sobre os telhados; a ‘flor da paixão’, coberta de flores, cobre os arbustos da ‘fúcsia’; as maravilhosas orquídeas amarradas às laranjeiras; palmeiras das mais diversas espécies; bambus, mais belos do que as palmeiras; magnólias, camélias, azáleas e arbustos altos de murta. Não é possível enumerar tudo, é uma indescritível e bela vegetação (STUTZER, 2019, p. 313).

A cidade se estende às margens do Itajaí como um imenso jardim. As ruas enfeitadas com maravilhosas plantas ornamentais são percebidas por qualquer visitante. Grande parte destes ornamentos data da época do fundador da Colônia, o Dr. Hermann Blumenau, realizador de grandes obras para o município que leva o seu nome (GIESEBRECHT, 2019, p. 376).

O engenheiro Emílio Odebrecht também introduziu diversas sementes e mudas de espécies vegetais em Blumenau.

Na antiga propriedade do engenheiro Odebrecht crescem ainda hoje vários exemplares de plantas exóticas, como o chamado «pinheiro do Amazonas», que nada tem de comum com esse Estado brasileiro, sendo antes natural da Ásia, ao que nos consta. Também ali cresce, talvez uma das bem poucas no Estado, a legítima caneleira da Índia e o gigante das florestas do centro e norte do país, o Jatobá do Mato (BLUMENAU EM CADERNOS, 1966b, p. 202).

No final do século XIX e início do século XX, Stutzer (2019) e Lacmann (1997) destacam as principais espécies cultivadas: cana de açúcar, milho, tabaco e mandioca. Nas propriedades “Praticamente não havia cercas de estacas, porém cercas-vivas.”, e “De um modo geral eram de limoeiros podados e carregados de frutos, acácias e ananás espinhentos.” Stutzer (2019, p. 313-314). No Morro do Aipim (Blumenau), Stutzer (2019, p. 314) descreve a presença de espécies de outros países como “os extremamente grossos

bambus japoneses. Certamente, tinham 15 metros de altura e rodeavam um pequeno lamaçal, no qual havia touceiras de papiros egípcios, plantados há cerca de 30 anos.”

Em Hammonia, atual município de Ibirama, colônia fundada em 1897, o cultivo de determinados produtos como milho, mandioca, cana de açúcar foram essenciais para a subsistência e desenvolvimento da colônia.

[...] milho, abóboras, tubérculos como batata, mandioca, mangaritos, aipim e taiá. No povoamento do Hercílio já existem grandes plantações de cana de açúcar que no momento são usadas para forragem do gado [...]. Plantam também fumo, arroz e café e inúmeros temperos para a cozinha, principalmente pimenta. Também iniciaram a plantação de algodão em fase experimental. Grande parte das terras desmatadas são usadas como pastagens e alimentam o gado vacum e porcos.[...]. (LACMANN,1997, p. 48).

Considerações finais

Ao analisar os diversos retratos do Vale do Itajaí, elaborados por viajantes do século XIX, percebe-se que muitos eram os interesses que os levaram para o coração de uma região desconhecida e de difícil acesso. Estes relatos devem ser analisados como pertencentes a um período marcado por ambições colonialistas, e, portanto, estão marcados com preconceitos, ambições e subjetividades. Estes registros de viagem contribuem para criar imagens da região do Vale do Itajaí, e são uma importante fonte para compreender as relações entre sociedade e natureza pelo viés da geografia histórica, geo-história assim como pela História Ambiental. É importante destacar que muitos destes relatos apresentam opiniões contrárias, o que pode estar ligado a interesses particulares, principalmente daqueles que os financiavam. Dentre os interesses particulares dos quais alguns destes viajantes partiram, pode-se apontar a busca pela exploração comercial e mineral (Lede), o estabelecimento de colônias para imigrantes europeus (Lede, Blumenau), interesses científicos (Fritz Müller), informativos (Zoeller, Avé-lallemant, Tschudi), assim como discursos etnocêntricos (Lacmann).

Para a maior parte dos viajantes, a floresta representa um obstáculo para o progresso, o que justifica o trabalho dos colonos, o corte das árvores e as queimadas, que possibilitaram a abertura de campos de cultivo e pastagens. Os registros dos viajantes analisados possibilitaram conhecer a história de algumas espécies vegetais. São registradas inúmeras espécies vegetais para fins de subsistência e de comércio no Vale do Itajaí-açu.

Destacam-se em termos de área ocupada os cultivos destinados para subsistência e exportação no século XIX a cana-de-açúcar, milho, mandioca, fumo, e batata-doce. Essas

espécies são registradas comumente no Vale do Itajaí-açu antes de 1858. O café, arroz, laranjeira, limoeiro, bananeiras, abóboras, taiás, inhames e araruta aparecem nos registros a partir de 1860. As três últimas espécies que antes eram encontrados na mata ciliar dos cursos de água, passam a ser cultivadas com finalidade também comerciais.

A partir de 1864 chama a atenção o registro da presença de pastagens, da cultura do tabaco e do algodão. Esta é uma cultura importante, e conforme os registros teve muita dificuldade em prosperar pelas condições úmidas da região. De 1864 até 1882 os viajantes anotaram a presença da cultura do mamão, do abacaxi, de coqueiros, palmeira imperial, bambu, noqueira, damasco, uva, anil, mamona, pêssego, nêspersas, pera, noz, jambo e figo. A partir de 1889 registram a cultura da ervilha, de aspargo, batata-inglesa, cactos, e diversas espécies ornamentais como rosas, violetas, cravos e azaleias.

A introdução de espécies vegetais no Vale do Itajaí promoveu o estabelecimento e desenvolvimento das colônias, e os registros dos viajantes e dos primeiros moradores da região indicam que a presença de muitas espécies já ocupavam importância privilegiada na economia. As atividades agrícolas inicialmente de subsistência modificaram os hábitos alimentares dos novos moradores da floresta. O aipim, o feijão, o milho e a cana-de-açúcar foram as culturas que mais prosperaram, e que deram início ao processo de criação de pequenas indústrias de processamentos como os engenhos de açúcar e de farinha, atafonas, e alambiques que geraram as bases da economia colonial e de exportação, gerando a acumulação de capital e progresso econômico. A partir do final do século XIX a efetiva ocupação do interior do Vale do Itajaí modificou substancialmente a paisagem natural da Mata Atlântica ao “construírem” outra paisagem de acordo com o processo civilizatório europeu, e as necessidades de sobrevivência e de produção econômica mercantil.

Referências

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro, segunda parte, 1953.

BLUMENAU EM CADERNOS. Características do Rio Itajaí e seus afluentes no século passado. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. XXXV, n. 2, fev., p. 50-58, 1994.

BLUMENAU EM CADERNOS. Aclimação de plantas na colônia. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. XII, n. 3, mar., p. 54-55, 1971.

BLUMENAU EM CADERNOS. Cultura da cana. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. VIII, n. 4, nov., p. 66, 1966a.

BLUMENAU EM CADERNOS. Uma curiosidade Botânica em Blumenau. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. VII, n. 10, nov., p. 202-202, 1966b.

BLUMENAU, Hermann O. B. *A Colônia Alemã Blumenau: na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2002.

BRASIL. *Plano de Manejo Parque Nacional da Serra do Itajaí*. Brasília: ICMBIO, 2009.

CAROLA, Carlos R. A colonização e a mineração no sul de Santa Catarina, Brasil: uma história regional de dois modelos econômicos de alto impacto socioambiental (1875-1946). In: Klanovicz, J.; Arruda, G.; Carvalho, E. B. de (Orgs.). *História Ambiental no sul do Brasil: apropriações do mundo natural*. São Paulo: Alameda, 2012, p. 17-39.

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

d'ÁVILA, Edison. *Pequena história de Itajaí*. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.

DEAN, Waren. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 216-228.

FATMA - Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina. *Plano de Manejo da Reserva Biológica Estadual do Sassafrás: Plano Básico: Projeto de Proteção da Mata Atlântica em Santa Catarina - PPMA, SC*. Florianópolis, Socioambiental Consultores Associados. 2010, 174p.

FATMA - Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina. *Plano de Manejo do Parque Estadual das Araucárias*, 2004.

GAERTNER, Reinhold. O Vale do Itajaí em 1855. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. III, n. 10, out., p. 181-184, 1960.

GERNHARD, Robert. O município de Blumenau. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. XXXIX, n. 11/12, nov./dez., p. 46-80, 1998.

GIESEBRECHT, Franz Eduard. Die Deutsche Kolonie Hansa in Südbrasilien. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). *Colônia Blumenau no sul do Brasil*. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

LACMANN, Wilhelm. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. XXXVIII, v. 11/12, nov./dez., p. 09-55, 1997.

LEDE, Charles van. O Itajaí-Grande em 1842. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. VII, n. 11, ago., p. 181-185, 1967.

LEDE, Charles van. Os rios Itajaí Grande e Itajaí Mirim: Descritos Por Van Lede. Traduzido por Henrique Fontes e Carlos da Costa Pereira. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. II, n. 3, p. 41-45, 1959.

MOREIRA, Sônia M. T. Madeira, porto e outras atividades econômicas. In: LENZI, R. M. et al. (Orgs.). *Itajaí: outras histórias*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí/Secretaria de Educação: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002, p. 79-90.

MORETTO, Samira P. História ambiental e as migrações no reino vegetal: a domesticação e a introdução de plantas. IN: GERHARDT, Marcos; NODARI, Eunice S.; MORETTO, Samira P. (Orgs.). *História ambiental e migrações: diálogos*. São Leopoldo: Oikós; Chapecó: UFFS, 2017.

MURARO, Valmir F. Sobre fronteiras e colonização. In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (Orgs.). *História da Fronteira Sul*. Chapecó: Ed. UFFS, 2016, p. 167-189.

NEIMAN, Zysman. *Era Verde?: Ecossistemas brasileiros ameaçados*. 7. ed. São Paulo: Atual, 1989.

OLIVEIRA, Rogério R. de. Mata Atlântica, Paleoterritórios e História Ambiental. *Ambiente & Sociedade*. Campinas, v. X, n. 2., jul.-dez., p. 11-23, 2007.

PAULI, Lorena. Por campos e entre florestas: a natureza do Paraná no século XIX. In: ARRUDA, Gilmar; ESPINDOLA, Haruf Salmen (Orgs.). *História, natureza e territórios*. Governador Valadares: UNIVALE, p.178-193, 2007.

PROCHNOW, Miriam. *Matas Legais: Planejando Propriedades e Paisagens*. 1ª ed., Rio do Sul: APREMAVI, 2008.

ROCHA, Yuri T. Fontes históricas e pesquisas geográficas: relatos de viajantes, iconografia e cartografia. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 17, p. 135 - 151, 2005.

SANTOS, Manoel P. R. T. dos. *O imigrante e a floresta: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC*. 2011. 218 f. Tese (Doutorado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2011.

SANTOS, Manoel Teixeira dos. *Vida e trabalho na floresta: uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX*. 2004. 183 f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2004.

SALOMON, Marlon. *O saber do espaço*. Ensaio sobre a geografização do espaço em Santa Catarina no século XIX. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em História)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002.

SCHÄFFER, Wigold B. & PROCHNOW, Miriam. *A mata atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira*. Brasília: APREMAVI, 2002.

SILVA, José F. da. *História de Blumenau*. Florianópolis: Editora Empreendimentos Educacionais Ltda., 1972.

SILVA, José F. da. Itajaí: a fundação e o fundador. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. VIII, n. 9/10, jul., p. 153-180, 1967.

SOCCOL, Carlos R.; SCHWAB, Alceu; KATAOKA, Carmem E. Avaliação microbiológica do caldo de cana (garapa) na cidade de Curitiba. *B. CEPPA*, Curitiba, 8(2), jul./dez., p. 116-125, 1990.

STUTZER, Gustav. Na Alemanha e Brasil, Retratos da Colônia Blumenau. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). *Colônia Blumenau no sul do Brasil*. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

TSCHUDI, Johann Jakob von. *As Colônias de Santa Catarina*. Blumenau: CNPq: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

VINCE, Szendrői Geöcze István Gyula Ignác. Viagem ao Brasil e Retorno. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). *Colônia Blumenau no sul do Brasil*. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

VITALI, Mariana; UHLIG, Vivian Mara. Unidades de Conservação de Santa Catarina. *Sustentabilidade em Debate*, Brasília, v.1, n.1, p. 43-61, 2010.

WINTER, Valério. Da natureza compartilhada a natureza apropriada - Uma História Ambiental na Serra de Petrópolis RJ. *Geografares*, n. 23, jan.-jun., p. 120-135, 2017.

ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. *Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. XXXI, n. 5, mai., p. 139-155, 1990.